

BREMEN.

QUANDO a pag. 349 e seguinte do 2.º vol. deste Journal démos noticia da famosa confederação commercial, a Liga hanseatica, copiámos e citámos a *Historia da Vandalia* por Nugent, e nomeando as seis cidades de que se compunha no tempo desse historiador mencionámos a data [1769]: ha muito tempo porem que os privilegios peculiares das cidades hanseaticas pertencem tão somente a tres, Lubeck, Bremen, e Hamburgo, cada uma das quaes tem voto na Dieta germanica. Já descrevemos a ultima em o nosso 1.º volume, e tambem Lubeck a pag. 13 do presente. Agora, evitando repetições, addiccionaremos algumas cousas ao que fica escripto a pag. 185 do vol. 5.º, onde estampámos uma vista do passeio publico de Bremen. —

A superficie de todo o territorio bremense está avaliada n'uma área de 70 milhas, que, alem da cidade contém duas villas, e 60 aldêas e logarejos. As duas partes em que Bremen é dividida pelo Weser dá communicacão uma ponte que passa pela ilha Werder. Em ambas as margens do rio ha um alinhamento de caes donde se goza bella vista da povoação. A cidade velha consta principalmente de ruas estreitas e curvas, e por extremo sombrias em rasão da altura desmarcada dos predios; mas tem amplos suburbios com variedade de boas vivendas, casas de recreio, hortas e jardins: antigamente foi amuralhada, e hoje a cêrca acha-se terraplenada e convertida em agradavel passeio, que é cortado por seis estradas que vem parar á cidade. Os unicos largos de alguma grandeza são o do mercado, e o da sé: esta cathedral é uma veneranda estrutura gothica, pela qual tem passado sete seculos. — A nova cidade, começada a edificar em 1625, é re-

ABRIL 27 — 1844.

gular e de ruas largas e bonitas, mas não tem arrabaldes: ha nella um campanario quasi tão alto como o de S. Paulo em Londres. A presente casa municipal que fôra paço do arcebispo, foi reparada completamente ha poucos annos. Os outros edificios são o *schütting*, casa de reunião dos anciãos da corporação mercantil, a bolsa, a alfandega, o arsenal. Os estabelecimentos de educação e instrucção constam de dois lyceus, uma eschola superior, outra de commercio e navegacão, o observatorio do Dr. Olbers, trinta escholas parochiaes e elementares em todo o districto, dois asylos para os orphãos, onde são mantidos e educados tresentos a quatrocentos. Alem da bibliotheca da cidade o museu comprehende uma livraria copiosa a par das collecções d'história natural e de modelos e instrumentos de mechanica e artes: este estabelecimento foi particular fundação d'alguns cidadãos.

O commercio de Bremen é activo e prospero: tanto a importação como a exportação orça-se em trinta e cinco milhões de cruzados annualmente; recebe principalmente azeite de balea, tabaco, assucar, caffè, e vinho; exporta, em rasão do negocio com o interior da Alemanha, ou de suas proprias manufacturas, chumbo, cobre, ferro, madeiras, cortiça, vidros, potassa, linho, laãs, papel, drogas, cachimbos e outros objectos miudos.

Os bremezes são d'estatura baixa, e fazem notavel contraste com a grande altura dos allemães meridionaes; são de maneiras singelas e de habitos frugaes, obsequiosos, francos e caridosos, dados á industria, amantes da boa ordem, e de natural pacifico; em geral são dotados de capacidade mental melhorada pela educação litteraria.

2.ª SERIE — VOL. III.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

11.º

É FORÇA agora deixarmos o sitio onde se passou este drama ensanguentado; os cadaveres dos monges sobre a corôa da montanha; a nova do desastre levada a Burgos por um dos guardas que tinham observado, sem o saberem explicar, o ruido da noite antecedente, e que logo ao romper da alva corôa á ermida a indagar o que era; o sentimento do conde, e do povo da cidade; as diatribes anti-mouriscas da tia Josefa; as considerações mansas e mais philosophicas do Diogo hésteiro; o enterro pomposo dos tres martyres; e os preparos do conde para a guerra que lhe annunciava proxima da parte de abd el Rahman aquelle feito de sangue, e de ousadia, executado pela mão de al Mançor — para seguirmos ao alcaçar de Azzahrat este official do calipha, observar-mos o effeito do assassinio dos monges, e juntamente assistirmos ás festas ou preparações que foram como preludio d'uma nova lucta.

*A conferencia.*

Depois de uma jornada de alguns dias, feita com a mesma cautela e fortuna que teve ao sahir de Azzahrat para a ermida de S. Pedro, chegou al Mançor á côrte; e no mesmo ponto deu conta ao calipha do modo com que se houvera na commissão de que fôra encarregado. A noticia circulou logo pelo palacio e a numerosa guarda do calipha, e dahi passou a Cordova com incrível rapidez. E regosijados os animos, porque fervia nelles o sangue arabe, com aquella torpe vingança, davam a al Mançor emboras geraes, como se aquillo fosse uma victoria, que elle tivesse alcançado. Mas o calipha, ainda que como sectario de Mahumede, e ardente entusiasta da gloria da sua familia e da sua raça, desairada nos campos de Osma, o resentimento se lhe adoçasse um tanto com o desforço tomado, havido nos monges; como bem inclinado e generoso custava-lhe o sacrificio daquellas victimas, e, ainda mais, sendo consumado pela maneira que o tinha sido — aleivosa e covarde; e como politico preferira, e até considerava rasgo de habil estadista, conservar a vida aos religiosos, e pelo menos a Fr. Pelayo, uma vez que este cedesse ás suggestões de al Mançor; pois as instrucções secretas que dera ao ultimo, todas se cifravam nisso. Porem o golpe tinha de ferir-se, como aconteceu, porque os membros do divan unanimemente o aconselharam, os imamos da *aldjama* pediram-no voz em grita, e as primeiras personagens da côrte desejaram-no ou o esperaram. Emfim o mal estava feito, e o acto vil do assassinio nocturno já não podia apagar-se senão com outro franco, nobre, e proprio de cavalheiros — com uma guerra.

A guerra queria-a abd el Rahman, mas de nenhum modo que houvesse demonstraões de regosijo pela negra façanha perpetrada em S. Pedro de Arlança; em quanto os crentes esperavam essas demonstraões senão para celebrar o martyrio dos monges, como costume velho e usado, e que agora as circumstancias estavam exigindo, na vespera da proclamação do *al-gihed*, ou guerra santa, caso se proclamasse, segundo cuidavam, e o proprio calipha de-

sejava. Em tal embaraço chamou este a um conselheiro secreto que ouvia sempre, e com mais deferencia e confiança que aos privados mais acceitos, aos membros do divan, e aos officiaes môres da côrte. Este conselheiro era Soleymão, o *Iob* musulmano de quem já fallámos. E na conferencia, que tiveram, ficou concertado entre ambos, que com as melhores rasões que podesse, persuadiria Soleymão ao *khatyb*, ou prégador da mesquita principal de Cordova — velho rebarbativo e fanatico, mas grande admirador e parcial do primeiro — a que, no recitar da prece, omittisse o attentado commetido em S. Pedro de Arlança, demorando mais a mão nos meritos do calipha, e na gloria dos guerreiros — dois dos quaes haviam de assistir á solemnidade em que se havia de proclamar a *al-gihed*, ou guerra santa — e tinham voltado de Africa, depois de haverem acrescentado uma nova gemma á corôa de abd el Rahman (\*). E assentaram tambem que para melhor divertir o espirito dos fieis, a celebração da *al-gihed* seria seguida de justas, o mais pomposas que se podesse; com que então ficaria, de todo o ponto, executado aquelle adagio, ou maxima de sabedoria vulgar entre os musulmanos, que tem que o mundo se sustenta em quatro columnas: a *sciencia do sabio*, a *justiça dos grandes*, as *orações dos bons*, e o *valor dos bravos*.

*Al-gihed ou gaziva.*

«Deus grande! Não ha outro Deus, e Mahumede é o seu propheta. Vinde á oração; vinde adorar: Deus é grande e unico.» Mil vezes brado do alto dos mirantes das seiscentas mesquitas de Cordova chamava este grito á oração da manha os habitantes dessa grande cidade: e apenas os primeiros raios do sol começavam a bater nos innumereveis crescentes de ouro que brilhavam na ponta dos obeliscos, já se agitava toda a população da capital do imperio arabe. 321 periodos de 12 lunações (\*\*) setinham completado desde a fuga de Mahumede em Medina; e uma grande solemnidade excitava o zêlo dos fieis, sempre doces ao chamamento dos *almoedanos*, ou pregoeiros. E nem era só o povo de Cordova que se reunia em redor da *Aljama* [mesquita principal]: tambem os habitantes do extenso arrabalde d'oriente cobriam as margens do Guadalquivir, e longas procissões de gente do campo, montados a maior parte em cavallos ou burros, e alguns em camellos, acudiam, de todas as bandas, a misturar-se em chusma ás multidões que sahiam das duzentas mil e doze casas da cidade imperial.

O ar estava sereno; o vento socegado não dobrava o cimo das palmeiras; e a brisa ligeira que, a intervallos, soprava de leste, trazia, com a fresquidão dos picos nevados da Serra-Morena, os perfumes suavissimos dos mil jardins que cercam do seu cinto embalsamado *Korthobah*, a grande.

As 19 ruas paralelas que rematam nas 19 portas das tres faces do templo, e as 38 ruas irmaãs que as cortam transversalmente, não podiam conter a multidão que afluia em ondas ao pé das columnas de suas longas galerias. A rua do centro que

(\*) Parece que abd el Rahman fôra, depois das vanta-gens alcançadas por seus generaes em Africa, proclamado soberano de Fez e de toda a Mauritania em 932; quasi um anno antes da derrota de Osma, que foi em 933. Paquis, historia de Hespanha — tom. 1.º pag. 425, 445 e 446.

(\*\*) Corresponde ao anno 933 da era christãã.

conduz á porta principal, e é mais larga que as outras dezoito que ella separa em numero igual, estava toda alcatifada de riquissimos tapetes persianos, cujas cores brilhantes, imitando o verdor de um prado, realçavam a belleza das flores que os juncavam; ao mesmo tempo que longas grinaldas entrelaçadas de umas casas ás outras formavam sobre esta plateya como um berço de perfumes. Estava vazia esta rua, e duas alas de cavalleiros da guarda africana postados de cada lado tolhiam a entrada ao povo. Mas atravez das gelosias dos espaçosos balcões que bojavam symetricamente para a rua, viam-se scintillar elegantes vestiduras de mulher. E do alto das açotéas, no meio de laranjeiras copadas, junto aos repuxos que as regavam, outra multidão, suspensa nos ares, parecia olhar da superficie de outro solo para um como espectáculo subterraneo.

Passados momentos, o som distante das chirrimias agudas, dos sonoros anafiz, dos atabales surdos, e d'outros instrumentos, annunciou a chegada do prestito que se esperava. Precedia-o, abrindo a marcha, um corpo de *kaschifes*; a unica tropa, alem da guarda do calipha, que não larga nunca as armas. E o signal de que ella exercita antes officio de paz do que serviço de guerra são os cavallos brancos em que vai, as lanças curtas que traz, e o vestido militar coberto não da cota de malha, mas de enfeites de seda. Apoz os *kaschifes* vinham os magistrados municipaes de quem aquelles recebem ordens para a repressão dos delictos, e manutenção do socego publico. E entre os magistrados municipaes distinguiam-se pelas insignias da sua profissão, os cabeças de corporações dos diversos officios; os aguazís commandados pelo *mothésib* ou perfeito de policia; os *siccas* [inspectores das moedas]; os *wakiles* ou mordomos dos hospitaes; os collectores do *zégah* ou dizimo em genero; os recebedores do *scharady* e do *taadyl* [direitos de alfandegas e capitação]; e os inspectores dos bazares encarregados de prover ao bastecimento da cidade, e de vigiar as transações commerciaes. Seguia-os, em ordem tão perfeita como a dos homens de pé, uma numerosa quadrilha ou destacamento de cavalleiros da guarda africana, montados em cavallos pretos; cingidos do turbante branco, que em suas voltas lhes escondia os morriões de aço; os peitos resguardados pela couraça curta e polida que scintillava aos raios do sol; e as mãos armadas de cimitarras com o punho de ouro. No meio da guarda africana ia a turba immensa dos officiaes do alcaçar com o *referendario das petições de reparação na frente, seguido do grande e pequeno guarda do tinteiro, e do secretario da mão augusta* ou da puridade; assistido este dos *escribas de escripta fina*, e dos *de escripta grossa*. E no fim vinha uma bandeira comprida de seda branca, semeada de ornatos de prata, e no centro uma chave bordada a retroz azul, symbolo que adoptaram os companheiros de Tharek, quando ao apertarem á antiga Calpe, abriram com o alfange as portas do occidente á lei do propheta. Era o estandarte do imperio desenrolando-se com magestade—que annunciava que já allí vinha perto o calipha.

Abd el Rahman vinha de Azzahrat, o alcaçar que já descrevemos, em um palanquim indiatico tirado por doze cavallos brancos, guiados por outros tantos escravos negros; estes vestidos de longas tunicas brancas. — Nos jaezes dos cavallos e pranchas do carro, defendido dos raios do sol por uma especie de zimborio, formado de pennas d'a-

vestruz e pavão, brilhavam rubís, esmeraldas, e milhares de pedras preciosas. Dentro do zimborio vinha abd el Rahman, com uma facha de seda branca enlaçada em volta da testa, e atada debaixo da barba pelas duas pontas, embrulhando-lhe a cabeça e o pescoço. Calçava borzeguins encarnados, e cobria-o dos hombros até os pés uma roupa larga meitada de téla de ouro e seda branca, e nella se ajustava um longo boldrié de veludo carmezim, ornado de botões de ouro, sustentando em bainha da mesma materia uma espada direita de dois gumes. A roupa estava récamada de bordados com o nome do calipha repetido muitas vezes; que é este um dos privilegios do poder imperial. A physionomia interessante e nobre ao mesmo tempo de abd el Rahman, os seus preeminentes dotes moraes, o esplendor e sabedoria do seu reinado enlevavam a attenção das multidões tanto pelo menos como a presença e a pessoa do cabeça do imperio e successor do propheta que nelle contemplavam. Inclinavam-se humildemente ao principe na sua passagem, curvavam a zumbaia até o chão; mas, depois de rendido este tributo de religião, e vassallagem, aquelles milhares de homens prostrados por terra tornando a erguer-se, davam então desafogo ao seu enthusiasmo, e saudavam o heroe com este grito immenso: «Gloria ao filho de Muhammede! gloria ao magnanimo! que viva por longos annos! viva!» E nas ruas, nos balcões, no alto das açotéas todas as bocas repetiam a mesma benção, todos os olhos se viravam para o mesmo ponto attractivo, todos os corações battiam commovidos pelo mesmo sentimento.

Seguia-se o principe al Hakem, herdeiro do caliphado, mui moço, mas annunciando já essa paixão para as lettras que depois o tornou recommendavel, e o seu reinado tão celebre como o de Augusto em Roma. Á direita do principe ia o *hadjeb* ou grão-visir Muhammede ben Said, homem de muito saber, character serio e inflexivel, e que gozou sempre da illimitada confiança do calipha; á esquerda o commandante das guardas. Immediatos marchavam *Ocaili*, o almirante ou emir do mar; os seis *walis* ou governadores das maiores provincias do imperio, os seus 24 visires, ou tenentes de districto; e os *kadis* ou governadores de algumas praças fortes; todos em traço militar, e decorados com as insignias dos seus cargos. Apoz elles vinham vestidos de longas roupas roçagantes ao uso oriental os velhos, membros do divan; e misturados com estes grande numero de sabios estrangeiros. Atraz dos ultimos os numerosos funcionarios civis.

Depois o prestito variava, e, porque assim o diga, amenisava-se, começando a offerecer á vista litteras elegantes conduzindo as favoritas mais prezaadas do calipha. E entre estas se estremavam *Mozna*, a secretaria; *Aischa*, a litterata; e *Safia*, a poetisa — já memoradas neste romance. Todas traziam um manto de seda branca que lhes cobria o rosto todo menos os olhos, e, cruzando-se sobre o peito, descia occultando-lhes inteiramente o resto do corpo. Apesar deste disfarce os espectadores conheceram-nas, e em voz baixa iam repetindo o nome de cada uma, e perguntando ao mesmo tempo — porque não vinha Azzahrat? Pergunta a que facilmente poderia satisfazer quem tivesse visto uma vez a physionomia celeste da odalisca, e acabasse de entender que toda a alma rendida a um anjo de formosura quasi sempre anda possessa d'um demonio de ciume.

O cortejo feminil vinham acompanhando alguns homens—muito poucos;—todos elles velhos e per-

sonagens mui graves. E os mais illustres eram o visir Iza ben Ishaac, e Khalef ben Abez, ambos medicos do calipha, e distinctos entre quantos sabios ornavam a corte e academias do imperio. A vasta intelligencia destes dois homens abrangia a toda a esphera dos conhecimentos da epocha; e o seu saber só era igualado pela caridade com que, dia e noite, tinham patente a sua porta aos pobres e enfermos que os iam consultar. Fechavam esta longa precisão muitos esquadrões de cavallaria, precedidos de bandas de musica, que ás aclamações da multidão iam misturando o concerto dos instrumentos de guerra.

Diante da fachada da mesquita, na praça extensissima da *Mossalah*, onde se reúne o povo a orar pelas festas do Beiram, pararam o calipha, o principe al Hakem e todo o seu sequito. Giraram então sobre os gonzos enormes as portas do templo, chapeadas de bronze, e descobriram o vasto peristilo, onde estavam alinhados em duas longas fileiras, os numerosos ministros da religião. De um lado estava o collegio dos imamos, padres que tem a seu cargo ensinar os preceitos do mossaf, entreter a orthodoxia da fé, e desempenhar as ceremonias do culto; e do outro o collegio dos khadis, officio tambem clerical; que tem por obrigação accomodar aos interesses profanos, e ás necessidades mundanas a lei unica, ou interpretando-a, como lei civil, nos pleitos; ou applicando-a, como lei criminal, aos réus. Aos primeiros presidia o *khatib* ou principal prégador, o reitor da *Madrizah* [escola gratuita], e o *dai* dos *dais*, que era o director dos missionarios. Aos outros precediam o khadi dos khadis, e seus quatro assessores, formando o tribunal superior do imperio, cujas attribuições são julgar os juizes.

Desceram o calipha do palanquim, o principe, o hadjeb e os seus officiaes dos cavallos, as mulheres das liteiras; e na maior ordem e silencio entrou no adro a corte toda. Nelle estão as portas que vão para os tribunales, escholas, aposentos dos padres, e para a torre ou observatorio astronomico. Entre este portico e a mesquita corre um pateo espaçoso, que assenta sobre uma cisterna de abobada da mesma extensão, sustida em columnas. O pateo está lageado de mosaico de marmore, repetido em desenhos uniformes no modelo; e do centro de cada florão nascem, a distancias iguaes, soberbos troncos de laranjeiras seculares espalhando ao longe o perfume das flores e fructos, simultaneos, que alli crescem. Debaixo da sua copa que occulta os raios do sol, sem contudo ser esquivada ao fresco halito da brisa, jorram em bacias de formoso marmore uma infinidade de tornos de agua cristalina, onde os fieis, antes de entrarem no santuario, se purificam com abluções como a lei estabelece.

Rodeados de uma multidão de imamos, que de braços cruzados sobre o peito e cabeça inclinada similhavam bem, na sua immobilidade marmorea, duas fiadas de estatuas, abd el Rahman com a comitiva pararam alguns instantes ao pé das fontes de purificação para lavar o rosto, as mãos e os braços até o cotovelo. São estas fontes o symbolo daquellas duas nascentes que correm á porta do paraiso, onde os escolhidos que alli conseguem chegar, depois de beberem de uma, banham-se na outra, apagando assim as paixões que conturbam a humanidade antes de entrarem na morada appetecivel da bemaventurança. Desempenhado este ponto da fé musulmana por meio da ablução, foi o calipha introduzido na mesquita.

Aquelle mancebo a quem o calipha de Bagdad, seu rival, chamava o *falcão da tribu de Koreisch*, intruso — é certo — aventureiro, estrangeiro, reliquia miseravel d'uma familia proscripta, e escommulgada pelos khatybes do alto de todas as *alminbaras* das mesquitas do oriente, mas applaudido pelas multidões, e legitimado pela fortuna e a victoria — abd el Rahman 1.º, o fundador do imperio arabe na Hespanha, foi tambem o fundador, e elle o proprio architecto que traçou o plano da celebre *al djama* de Cordova. Reservava todos os dias uma hora para dirigir os trabalhos da construcção. Mas deixou o diadema e a vida sem ter ouvido murmurar debaixo das arcadas do seu templo predilecto a prece da consagração; e o fecho á obra do architecto po-lo com zelo devoto e piedoso seu filho Hescham 1.º

Iniciado de seita ascetica, que fugindo ás ciladas dos quatro tentadores inimigos da alma giras nove vezes pelo recinto consagrado o tempo que medeia entre a segunda e a terceira oração, e contas as 120 braças do comprimento do edificio, e as 60 da sua largura, pára, e ajoelha — não te esqueças! — no centro das 38 naves que tens de atravessar das portas até o santuario, e das 19 naves que correm entre as paredes lateraes! Estrangeiro, cuberto do *irham* ou capa de peregrino, que vens á *al djama* fazer a novena, voltea lentamente, recitando cada dia um capitulo do korão, em roda das suas 1093 columnas de marmore; columnas de uma só peça unidas todas, sem base, altas, ligeiras, esbeltas, e similhando troncos de palmeiras a que se cortou a haste ao desabrochar das folhas!

Dispostas com a symetria das arvores de um jardim sustentam essas columnas o maravilhoso emmadeiramento de pinho odorifero, que serve de abobada aos tectos do templo. Por cima d'elles, a quarenta braças de elevação resplandece a granada de oiro coroando o zimbório unico. Descem das abobadas para alumiar as orações da noite 4600 alampadas de prata, suspendidas de cadeiasinhas do mesmo metal; e em numero igual de ricas caçoulas fumam perpetuamente o incenso, o aloes, e o ambar. Emfim sobre todas as paredes interiores do templo brilham, a revezes iguaes, versiculos do korão desenvolvendo-se em arabescos, caprichosos e fantasticos, e cujas lettras, que são de oiro, incrustadas no marmore branco dos muros estão revestidas de fino mosaico de cristal, que faz scintillar as palavras santas, como se foram outros tantos raios luminosos traçados alli por dedo de anjo. São estes os unicos ornatos do templo: nem figura, nem symbolo, nem representação nenhuma de objectos do céu ou da terra ahi se encontra. E nesta nuez, e falta absoluta de imagens respira o horror da idolatria, e a crença pura na unidade de Deus.

(Continúa.)

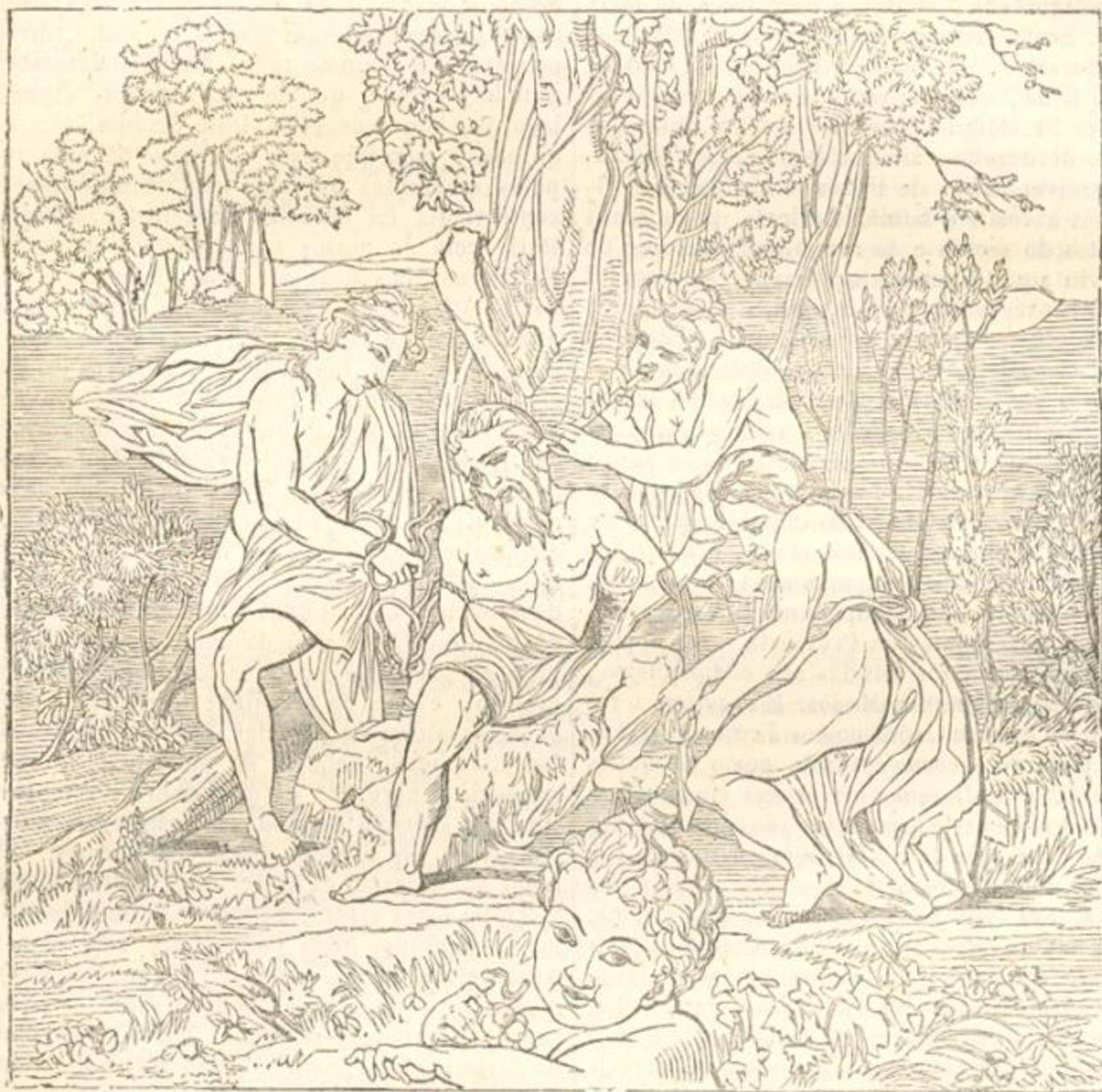
#### CORREGIO.

ANTONIO Allegri, que entra justamente na lista dos mais celebres pintores, é denominado Corregio, em rasão da sua patria, villa d'esse nome no ducado de Modena. Envolvem-se as circumstancias da sua vida em grandissima obscuridade, discordando os biographos na maior parte dos factos, alguns dos quaes se ignoram completamente. A opinião mais geral é que nasceu ou em 1493 ou no primeiro quartel de 1494; sabe-se que falleceu aos 5 de Março de 1534 e foi enterrado na igreja de S. Fran-

cisco na terra onde nascera. Incerto é também se elle formou o seu estylo mais perfeito, inteiramente por gosto e inspiração natural, ou se pela observação das obras dos grandes professores contemporaneos e pelas da antiguidade: é provavel que ambas as causas para isso concorressem. Mas seja como for, certo é haver creado um estylo proprio, notavel pelo magistral *claro-escuro*, singular colorido, e mui gracioso desenho. Menos variado e decidido nos seus contornos do que os pintores das escholas romana e florentina, trabalhou mais em dispor as suas linhas em curvas de facil projecção do que em desenvolver conhecimentos d'anatomia e vigoroso desenho; comtudo as suas fórmãs são sufficientemente correctas. Se o colorido do Ticiano é mais

valente e variado, o de Corregio é mais cheio de belleza, muito mais macio e delicado sem comtudo lhe faltar magestade. As suas pinturas não são tão numerosas como as de outros mestres, porem estão bastante espalhadas pela Europa, de maneira que o seu estylo e nome se tem feito bem conhecidos.

Corregio teve muitos alumnos; entre elles seu filho que pintou a fresco na sé de Parma com grande acceitação. Parmigiano seguiu-o e imitou-o, postoque não fosse seu discipulo. A eschola bolognese procurou reunir a graça e delicadeza do Corregio ao desenho dos romanos e ao colorido veneziano: depois de todos estes, Anibal Caracci, cabeça da eschola eclectica, não duvidou reconhecê-lo como um dos primeiros pintores.



Este esboço é imitação d'uma pintura, que se intitula «o homem escravo da sensualidade» na qual o Corregio fingiu os tratos de um condemnado por taes vicios e delictos: a invenção é parto de uma imaginação escandecida, e quasi pelo mesmo gosto de um extravagante livro que nós cá tivemos, e que representava e descrevia «os tormentos dos cinco sentidos»: o qual hoje é raro porque pela auctoridade ecclesiastica foi supprimido.

AS LETRAS NA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO  
EM PORTUGAL.

(Fragmento de um livro inédito.)

A ESTIMULOS de tanta força obedeceu a *Provincia*,

porque desde o anno dezoito deste seculo cuidou em litteratura com alguma diligencia. Em summa direi o que passou, achando nomes, a que se deve boa memoria. Seja isto reconhecimento e estimulo, pois a fama de pessoas benemeritas sempre foi de impulso efficaç para ser continuada pela imitação dos outros. Quando o espirito observador encontre nas composições de alguns padres mais que desejar, attribua-se ao caracter do tempo; mas sempre com o louvor de não ociosos, e de algum merecimento. O padre Carcavellos, commissario geral da Provincia, foi muito dado ao estudo do Direito: os seus escriptos nas controversias da Provincia são mui auctorizados e methodicos. Teve a sciencia, que o fez defender a sua causa no desembargo do paço, por occasião do assento, que alli se tomou a seu favor,

com muito applauso, e com a decisão que pertendia. Seu sobrinho, religioso nosso, ensinado pelo tio, prégou com reputação: de restos de sermões seus, que eu vi e se conservam, só posso dizer que teve o estylo desembaraçado sobre pensamentos agudos, uso daquelles dias. Foram de outra conta os sermões do mestre Sairinho: delles somente ouvi esta boa fama aos padres judiciosos. Votou no capitulo geral romano do anno de setecentos e vinte e tres, presidente o papa Innocencio XIII, donde trouxe as *Taboas* e a *Sinopsis dos concilios* dos dois religiosos Terceiros sicilianos, Antonio Celestris, e Boaventura Sant'Elia, que pouco antes havia fallecido com muita opinião e grandes estimações. Sairinho era douto, e no concurso ás cadeiras com o padre Escotinho, por consideração ás suas letras, e maior antiguidade, se deu a Sairinho a de mais estimação. Sendo livre em sentimentos, dentro dos limites litterarios, se recolheu de Roma á Provincia com a fama, que acabava de merecer o nosso sabio padre Fr. Miguel Angelo Fardella, fallecido em o anno de dezoito, ainda que o serviço litterario em a universidade de Padua o obrigou nos ultimos annos a vestir o habito clerical, pelos novos pensamentos do seculo e da republica; pois que de antes serviu aquella mesma academia com notavel esplendor, conservando nosso habito, o profundo Fr. Antonio Cottono. Fardella introduziu na Ordem os estudos mathematicos e physicos, e destas especies tirou luzes o padre Sairinho; porem não era tempo apto para se abraçar na Provincia a liberdade physico-mathematica. Viu-se de algum modo, e pouco depois passou a tenta-la o mestre Fr. Pedro José Esteves. O padre Sairinho veio definidor geral de toda a Ordem. Falleceu em boa idade, e amor dos estranhos, e [na Provincia] dos amigos; porem levou o resto de seus dias com algumas mortificações, até ao ponto dos governantes da Provincia, seus oppositos, não admittirem aos estudos seu companheiro, Fr. José de Santa Thereza Obidos. Elle porem o fez incorporar na Provincia dos nossos Terceiros d'Andaluzia, onde viveu com credito, como daquelles padres ouvi, e eu mesmo o alcancei vindo elle a Lisboa. Tem sido nesta Provincia fado constante dos definidores geraes de toda a Ordem, disporem-nos seus irmãos com desgostos para a eternidade bemaventurada. Era logar tão considerado pela cubiça, como pela inveja. Para fugir desta tormenta naquelles dias, se ausentou para Salamanca por algum tempo o padre Fr. Jorge de Santa Roza de Viterbo, e alli viveu com estimação; e o Geral da Ordem o nomeou prégador geral, titulo ainda então merecido com muitas e publicas fadigas, que elle teve. Imprimiu *sermões* d'engenho e equívocos continuados, que o tornam fastidioso. No primeiro de dois tomos publicou uma *Carta prolegomena*, na qual recopila todos os preceitos da rhetorica sagrada para instrucção do novo prégador: escreveu ahí mesmo um *Epitome chronologico* de todos os livros da sagrada escriptura, seus auctores, e materias, e um *Indice* para os prégadores buscarem os livros em todas as faculdades. Dá por auctor das *Concordancias* a Santo Antonio de Lisboa, e da *Catena aurea* a Poncio Carbonel, franciscano. Soffreu contestações a este respeito, que o obrigaram a imprimir uma *Apologia* em Madrid. Deixou muitos manuscritos, porque sempre o vi em acção. Foi bem querido em Hespanha, e o senhor infante D. Manuel o fez prégador da sua real capella. Desta *Apologia* venho a outra de diverso objecto e auctor, pois nesse tem-

po provou e imprimiu mui sisudamente Fr. Martinho do Espirito Santo ser licito aos clerigos Terceiros, desobrigados de côro, rezar pelo calendario dos religiosos. O mesmo trabalho tomou depois o padre Fr. Francisco de Santa Maria, accrescentando outras especies, como se vê de seu manuscrito, porque a este respeito se haviam excitado algumas controversias. A que foi de maior consideração consistiu no engano feito ao santo-padre Benedicto XIII, quando passou a bulla em o anno de vinte e cinco, segundo a qual ficavam todos os Terceiros regulares em absoluta sujeição ao Geral da observancia. Os padres de Italia, mais visinhos á fonte, logo se desembaraçaram. Esta Provincia gastou mais paciencia, do que tempo; com tudo passou de dois annos a contenda, para cujo fim glorioso contribuiu muito o trabalho de excellentes Allegações, que nossos padres souberam fazer a proposito, discretas, macissas, e documentadas larguissimamente, seguindo o estylo, que os mais antigos observaram logo que houve occasião desta disputa, sem a mesquinhez, com que este assumpto ha sido tratado pelos ignorantes da cousa nos ultimos tempos. A controversia foi occasião para tratar amizade em Italia com os nossos portuguezes o douto mestre Fr. Bernardino Mezzadri. Reconhecendo elle prendas no Provincial desta Provincia o padre Barradas, quando foi ao Capitulo geral de Milão em o anno de vinte e nove, lhe dedicou a *Historia da Basilica dos Santos Gervasio e Protasio* do nosso convento de Pavia. Grande porção destas noticias diggeriu o padre Escotinho, e dellas se valeu o doutor João Antonio de Andrade para publicar a obra *Chrisol Seraphico*. Era advogado de boa reputação, e muito erudito, entregando-se em idade já crescida ao estudo de Bellas-Letras, o que o fez unir aos socios da Academia escalabitana sobre aquellas erudições, depois de o haver sido da outra Academia da Historia na sua mesma patria, Santarem. Serve-lhe de credito, e não de prejuizo, que para a referida obra se valesse de especies, já trabalhadas pelo sabio Escotinho, delicias da sua terra, e nella de memoria veneravel, do qual padre é tambem uma *Apologia* escripta de mão, em resposta ao *Ramilhete Seraphico*, de especies todas competentes, e excitadas por occasião da mencionada bulla benedictina.

Tratei estes sabios, e curiosas pessoas nestes mesmos assumptos, para poder dizer com segurança. Adiantemos outras especies. Alguns respeitos nos desviaram da contenda excitada sobre os ritos chinezes, havendo-se refugiado em o nosso convento de Lisboa os missionarios, que a esse fim vieram á Europa; e foi então quando se conheceram entre nós as duas obras *Artes Jesuíticas* e *Tuba Magna*. Assim mesmo ouvi dos religiosos doutos, que a furto poderam desfructa-las, porque havia toda a cautella em que não se devassassem. Eram já dias de se tocarem especies relativas a jesuitas; com tudo não passavam de questões litterarias, como as que teve em desafio pessoal o douto carmelita descalço Fr. Caetano de S. José. Alem destas pendencias de letras esteve ateado fogo, que amainou passado tempo, sobre os quindennios, como foi notorio, e não deixou de ressentir-se o senhor rei D. João 5.º Este soberano se mostrou benevolo na outra novidade, que se lhe propoz de vender a India, em que os jesuitas trabalharam efficaçamente pela negativa. Prendem todas estas especies com a nossa Provincia, porque ou amizades, ou curiosidade fazia que não fossem desconhecidas, mas antes lidas e

conversadas em todas as occurrencias do tempo, e era maxima nos dias de excitar a mocidade claustral para estudos, que tivesse por ignominia não saber os direitos, que se disputaram em seus dias e seus interesses, como admoesta a lei. Tal concurso de prazeres veja eu sempre, e deixe em bom vigor quando me separar dos homens, do qual eu me satisfazia naquella feliz estação. O brio, alegria, e constancia, com que mutuamente se compraziam as gentes de letras; o interesse, com que se communicavam; e o fogo de atear a cada instante, foram como um encanto, pelo qual não se podiam os homens desprender dos livros e das cousas de letras: mas antes com isso nutriam paixão, e faziam produzir effeitos, aos quaes teceriam depois os dias com melhores especies corôas de maior perfeição. Como em nossos claustros havia daquella fermentação virtuosa, continuó a dar disso mesmo as cauções precisas. (Continua.)

ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO  
MINISTRO D'ESTADO,

(Fragmento.)

*Do perdão das injurias.*

AMAR os inimigos, e perdoar os agravos ou injurias, são sentimentos e virtudes, que á primeira vista, e na ponderação vulgar, parecem repugnantes, ou muito superiores á natureza do homem. — Se porem fizermos alguma reflexão acharemos que não só são sentimentos proprios d'um verdadeiro christão, mas é o proceder digno de um espirito elevado, de um coração nobre, generoso, e bem formado pela educação.

Com effeito o exemplo, e a doutrina de Jesus Christo bastariam para persuadir o christão a amar os inimigos, e a perdoar as injurias, mas o nosso entendimento póde ao mesmo tempo convencer-se pelos seguintes motivos, e raciocinios.

Nós amamos os homens porque são nossos semelhantes, e como-irmãos. Elles assim como nós tem defeitos, e necessidade de indulgencia. Todos somos sujeitos a sermos enganados com apparencias, e a padecermos uns paroxismos, ou accessos de molestia mental, que á maneira da febre do corpo, nos encobrem por algum tempo a luz da razão, e da verdade. No caso de inimidade, ou quebra daquella harmonia fraternal, que deve reinar sempre entre os homens, de duas uma; ou o meu adversario tem motivo, e razão sufficiente para se resentir do meu procedimento a seu respeito, e nesse caso eu devo appressar-me a pedir-lhe perdão, e reparar o meu agravo; ou elle não tem razão, e então está no erro, na illusão, ou no accesso da febre ou no paroxismo da paixão, que o induz a commetter uma injustiça. Em todo o caso o seu erro, ou injustiça não me auctorisa para seguir o seu exemplo, e eu devo procurar por meios prudentes trazê-lo á razão, ou conciliação, ao restabelecimento da ordem, e reunião de dois irmãos e amigos, que com pena se achavam separados, e agora com muito prazer se tornam a abraçar. — Taes sentimentos, e tal proceder são bem dignos de espiritos elevados, d'almas nobres, e de corações generosos. Tal é a verdadeira philantropia, e a caridade christã!

*Perdoar as injurias é esquecer, ou apagar algum*

agravo, e renunciar a toda a idéa de ressentimento, castigo, ou vingança. — A primeira consideração, que a isso nos deve mover, é que se cada um fosse o aggressor havia desejar ser perdoado; e alem disso é possível, e porventura provavel, que não haja mais do que uma apparencia de injuria, e não uma intenção, ou vontade certa de injuriar, ou offender, pois a nossa propria experiencia nos mostra frequentemente que cada um, ou não tinha uma determinada vontade de injuriar, ou se a teve por um momento, logo se arrependeu; e essa mesma disposição devemos nós presumir, por motivos d'analogia, naquelle de quem estamos offendidos.

Ora dar mal por mal, isto é, injuriar, ou offender, a quem nos injuriou ou offendeu, é um procedimento injusto, grosseiro, e vulgar, porquanto, o erro commettido por um nosso irmão, ou amigo, não nos auctorisa a fazer outro tanto, e até mesmo seria uma contradicção da nossa parte fazer aquillo mesmo que reprovamos. — Pelo contrario aquelle que perdoa mostra uma alma nobre, um coração generoso, uma delicadeza de sentimentos que lhe faz achar prazer, e satisfação em libertar o seu irmão, e amigo daquella sorte de captiveiro, e vexame em que o havia posto o seu erro. — Tal é o verdadeiro amor do proximo, e a verdadeira fraternidade.

A clemencia, e o perdão dos agravos, e offensas ennobrece a natureza do homem, e por assim dizer, o elevam e approximam á divindade. Aquelles verdadeiros heroes que, souberam perdoar, e esquecer agravos e injurias, nos offerecem admiraveis exemplos de grandeza d'alma, exemplos que não podemos contemplar sem sentirmos uma sorte de enternecimento, e de inveja, e que com razão fizeram dizer a um poeta:

*Si vaincre est d'un heros, pardonner est d'un Dieu.*

Todavia motivos mais elevados, e dignos do christão nos devem decidir a perdoar as offensas ou injurias; taes são o exemplo, e a doutrina de Jesus Christo. Elle perdoou áquelles inimigos, que o crucificaram, e pediu a seu Eterno Pai que tambem lhes perdoasse, attribuindo a ignorancia o mal, que lhe haviam feito. A todos os agravos, e affrontas oppoz brandura e paciencia, mansidão e humildade. Recommendeu a seus discipulos que se amassem, e perdoassem, pois é certo que onde ha sensibilidade, e amor, sempre ha disposição para perdoar. Na fórmula da oração, que o divino mestre deixou aos seus discipulos, nos ensina elle a pedirmos perdão para as nossas dividas, ou offensas, *assim como nós perdoamos*, fazendo assim dependente o nosso perdão do requisito, e condição de concedermos igual perdão aos nossos semelhantes. — Portanto é evidente que nós necessitamos, e queremos, assim por motivos de religião christã, como de razão e de boa philosophia, *amar os nossos inimigos*, suppondo-os dispostos para a reconciliação, e promovendo-a nós mesmos quanto de nós depender; e outro sim é evidente, justo, digno d'um discipulo, e filho adoptivo de Jesus Christo, perdoar aos nossos offensores os agravos, injurias, e offensas considerando estas como filhas de um erro passageiro, ou molestia d'alma cuja cura nós podemos, e devemos promover, e esperar.

Nós não podemos deixar este assumpto sem referirmos um facto interessante, que encontrámos na Historia de França. —

Luiz 12.º, successor de Carlos 8.º, marcou com o signal da cruz os nomes de todos aquelles, que no reinado antecedente lhe haviam feito offensas, ou máu serviço. Logo que isto constou na córte os suspeitos começavam a ausentar-se; mas o rei chamou-os, e disse-lhes: «porque vos ausentaes? A cruz com que eu marquei os vossos nomes não significa supplicio, assim como a do nosso Salvador, significa esquecimento, e perdão das injurias.»

Eis-aqui o que é ser não só um rei magnanimo, mas um discipulo, e imitador de Jesus Christo.

*Filippe Ferreira d'Araujo e Castro.*

## Novos inventos.

### BARCOS DE LONA.

ENTRE os curiosos espectaculos que o espirito inventor do seculo appresentou na primavera do anno de 1841 na capital da França foi sem duvida de grande admiração a invenção do barco de lona. Quando os jornaes annunciaram a novidade, e a experiencia que devia ter logar n'um tal dia sobre as aguas do Senna, pensou-se que era uma zombaria, uma *mistification* como dizem os francezes; e mais d'um portuguez se lembrou então da passagem do Tejo com botas de cortiça. Entretanto aquellas duas enormes filas de povo apinhado sobre os parapeitos das duas margens do rio tiveram occasião de ver o engenhoso Leclère, o inventor da nova Argos, montar na quasi aerea embarcação acompanhado de seus amigos em numero consideravel, desaferrar do porto, e navegar á véla, e a remo, primeiro rio abaixo, e depois agua acima, neste navio que elle havia construido em sua casa, que havia feito conduzir por uma besta de carga, e que depois de carregado com estiva e tudo apenas demandava uma plegada d'agua! Acabada a viagem foi o mesmo navio desarmado á vista de todos, e reconduzido pelo mesmissimo methodo á habitação do dono n'uma carga, como um vendilhão volante desdobra, e enfeixa sua tenda n'uma feira ou arraial. Mr. Leclère não fez misterio de sua invenção; poucos dias depois enviou o barco aos armazens do Louvre onde esteve exposto ao publico entre os productos da industria franceza, e onde tivemos o gosto de contemplá-lo.

O barco é de lona: e esta é sustentada e distendida por um caixilho de páu com suas curvas fazendo como o cavername dos barcos ordinarios; são porem muito mais leves e menos numerosas. Ao primeiro aspecto parece que a lona não serve ahí senão de capa a um barco já feito, e destinada apenas a supprir o calefamento; uma economia de construcção: não é assim. Todo o barco se compõe d'um arcabouço de madeira cuberto com um panno de lona, tornada impenetravel á agua por meio do alcatrão, do oleo de linhaça, ou por outra composição resinosa. Parece que dos tres ingredientes preferiu Mr. Leclère aquella gomma oriental que chamam *caoutchouc* por ser mais clara e agradável á vista; todos os tres porem provam bem, e só a experiencia de mais tempo decidirá da melhoria.

O merito principal da invenção consiste na maneira engenhosa por meio da qual o inventor conseguiu estancar as juncturas das differentes peças de lona de que se compõe a totalidade da cuberta.

Estas peças são reunidas e pregadas com cavilhas todas da mesma figura e dimensão, sobrepostas em tiras transversaes formando e descrevendo as curvas do barco na sua totalidade. Estas tiras sendo comprimidas pelo esforço das cavilhas ou pregadura no momento de se carregar a embarcação, incham, e pegam tão perfeitamente nas juncturas que todos os intersticios ficam hermeticamente vedados. Para evitar a fricção e escorchamento da lona pelo lado interior se reveste a cavidade do barco com pranchas mui delgadas, e ajustadas entre si sem cavilhame nem pregadura alguma.

Já se vê que este transporte fluvial se monta e desmonta com a maior facilidade e promptidão. — A economia não póde deixar de ser consideravel porque dispensa a maior parte da tripulação, demanda mui pouca altura d'agua, e poupa os gastos da volta ou torna viagem, quando tem de remontar os rios. Se a guerra não tivesse passado de moda seria este invento de grande utilidade na passagem dos rios, e talvez se viesse a dispensar na sua maior parte esse immenso, pesado, e dispendiosissimo aparelho do trem de pontes, que na guerra da peninsula entorpecia a marcha dos exercitos, e custava immenso cabedal.

As experiencias repetidas no decurso do anno já citado em viagens, e transporte de madeiras, cascos de vinho, e outras mercadorias pesadas, em barcos de lona assim no Senna, como no Yonne, desde consideravel distancia, tem respondido ás objecções que os novos inventos sempre acarretam. Por ellas ficam demonstradas as vantagens e factos seguintes:

1.º Demandar duas terças partes menos d'agua que os barcos ordinarios: por conseguinte é d'incalculavel utilidade nos rios de pequena altura, e nos estios muito seccos.

2.º Uma resistencia pelo menos igual á dos outros barcos no abalroamento, abordagem, ou outra qualquer pancada ou encontro, que todavia póde melhor evitar por sua ligeireza e flexibilidade.

3.º Possibilidade de conduzir um pezo incomparavelmente maior que os outros na mesma altura d'agua.

4.º Reducção do seu pezo a transportar na torna viagem, uma vez que o barco seja desmontado.

5.º A facilidade de montar e desmontar a embarcação, e de a fazer passar d'um a outros rios, podendo pertencer a todos, e não estar perpetuamente adjudicada a um, como acontece pela maior parte a todos os outros barcos.

*J. da C. N. C.*

*Medicos clerigos.* — O conego regrante D. Mendo Dias foi o primeiro que depois de aprender medicina em París, a ensinou publicamente neste reino, em tempo d'elrei D. Sancho 1.º, no mosteiro de St.º Cruz. — Antigamente reuniam-se muitas vezes as duas profissões, ecclesiastica e da arte de curar, no mesmo individuo. Na *Monarch. Lusit.* p. 5.ª l. 17. cap. 42. lê-se — «Não deroga a nobreza do instituidor (*do morgado dos Nogueiras*) a profissão de medico, estimada em tanto naquelle tempo, como mostraram S. Fr. Gil e o Papa João 21.º, natural de Lisboa, que foram medicos de profissão, sendo das principaes familias de Portugal.» — Em tempo d'elrei D. Fernando foi *fisico-mór* um clerigo chamado Rodrigo, que depois foi prior do mosteiro de S. Vicente de fóra. É mui grande o numero d'exemplos que escusâmos accumular.